

TRIBUNA LIVRE

31
Dezembro
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITADO POR PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTONIO JOZÉ DA COSTA

REDACTOR: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALGADO III 64112 - A MARES

No tempo e na «Tribuna» Ano Novo

Mais amplas perspectivas

No rodar do tempo, mais uma vez soou a badalada da meia-noite de trinta e um de Dezembro e com ela mais um ano se fundiu no mar imenso do passado. Agora, na objectividade do calendário como na consciência das almas, uma vez mais e por instantes domina a ideia e o sentimento de *Novo Ano*.

Coincidindo com o estado geral de ansiedade e com a ideia de um novo ciclo no evoluir da vida, também para a «Tribuna Livre» soou a badalada da meia-noite. Com efeito, há precisamente um ano, quando os relógios marcavam os primeiros segundos de 1956 e os sinos repicavam a saudar o que então era o Ano Novo, rodavam na máquina as primeiras páginas deste jornal.

Agora, que o pimpolho fez um ano, é altura de um balanço e de reforçar ou reajustar planos para o futuro.

* * *

Cremos que não vale muito a pena gastar tempo e espaço a fazer balanços. «Tribuna Livre» tem — consoladora realidade — uma grande pléiade de leitores. Assim, o juízo de apreciação sobre o passado não nos pertence exclusivamente. Os nossos leitores, aqueles que como nós sentiram a necessidade de um órgão livre, independente e vertical na defesa dos direitos e interesses colectivos, esses farão, como nós, o exame

do que se realizou. Encontrarão sem dúvida muitas deficiências, e mais ainda insuficiências. É que muitos foram os números do jornal em que se não abordaram problemas importantes e sérios. Mas, com certeza, todos também reconhecerão que o mais importante num jornal não é tanto o andar todos os dias em busca do sensacional para espantar as massas, como o estar pronto e apto, na altura própria, para o ataque de frente aos problemas. Ora, neste ponto, ninguém duvida — temos disso a certeza — de que a «Tribuna Livre» não tenha cumprido o dever que a si própria impôs quando se lançou ao mundo, ou seja capaz de se afastar da linha que se traçou.

* * *

Do futuro, isso sim, inte-

(Continua na 12.ª página)

Tem o nosso jornal possibilidades de longa vida?

Por João B. de Macedo

Vamos responder a esta pergunta por acharmos que ela interessa sobremaneira aos nossos estimados leitores, e, até, a um ou a outro a quem a luz da publicidade cega. Já se vê que o fazemos só por atenção aos primeiros até porque o número dos segundos pode ser contado pelos dedos de uma só mão.

A vida de um jornal está subordinada a uma série de factores, dos quais sobressaem, por merito da sua importância, o económico e o redactorial. Este divide-se ainda em duas facetas: a dos que colaboram e a dos que orientam.

O aspecto económico é de primordial importância e vamos já tratá-lo.

O jornal, para a sua montagem, exigiu o despêndio de vários milhares de escudos, e, ao terminar o o primeiro ano de exercício, verifica-se que o saldo negativo corresponde a esse despêndio de montagem.

Portanto, a actividade em si, dado que a montagem não volta a repetir-se, não dá prejuízo. Acresce que o número de assinantes aumentou sempre, o que quer dizer que a verba das assinaturas será no ano que entra, maior.

Duas circunstâncias ponderáveis para o aspecto

económico: uma a de que a tipografia proprietária o faz por um preço de amigo, pois as contas do jornal são independentes. Outra a de que uma empresa da envergadura d' A Modelar, que só no mês findo adquiriu duas máquinas por 250.000\$00, não prescindiria, mesmo com algum prejuízo, deste órgão que a verdade impõe.

Conclue-se que se não presume prejuízo para o futuro nem o mesmo seria causa de extinção.

O aspecto redactorial no que refere aos colaboradores está assegurado, graças a um interesse sempre crescente que se verifica entre os que se oferecem de novo e os que sempre escreveram, interesse que atribuímos em boa parte ao ar de liberdade com que permitimos a exteriorização da vontade de cada um.

(Continua na 3.ª página)

ANO INTERNACIONAL E o mundo vai assim...

Por Militão Porto

Nos tempos conturbados que corremos, difícil é comentar os acontecimentos internacionais de um ano, tal a heterogeneidade destes, os entrecosques de paixões, pragmáticas, violências e dissabores que o mundo viveu neste mil novecentos e cinquenta e seis, pródigo em noticiário sensacional prenha de uma larga e profunda centelha de materialidade, assolando por completo todo o espirito que a anuidade poderia ter dado ao Homem.

É ver qual é a repercussão do

Prémio Nobel — a máxima competição do valor humano, expoente da cerebração universal. Meia dúzia de milhões lêem e interessam-se pela chama genial dos premiados. O resto... leu, passou adiante e viu as fotos dos sábios, como se estivesse a apreciar uma vulgar paisagem de pintor mediocre.

O mundo vai assim! Mal grado nosso, o século das luzes, superando em Técnica os benefícios do espiritual século XIX, foi o portador do caos — caos que é produto de uma deficiente inteligência... A afirmação, se quiserem, é paradoxal — mas certa. Sim! O Homem não soube aproveitar o valor imenso da Ciência e da técnica conjugadas. Não soube, porque não quis.

Quando a máquina num crescente progresso ultrapassou de braço humano, esqueceu-se o Homem de que esse braço firme, mas inerte, não continuaria a produzir se o «modus faciendi» do seu ser não fosse modificado. Não foi Repartiram-se os progressos da Civilização por uma dúzia de milhões, olvidando-se que o mundo comportava dois biliões e meio de almas. Daí, o caos em que nos debatemos ao fim de cinquenta anos. Os responsáveis pedem maior produção. Fala-se em produção de que, aliás, o mundo necessita. Sómente, esse mesmo mundo não tem poder de compra. E a amálgama é tão amálgama que esses responsáveis, ao pretenderem resolver problemas económicos e quacionaram-nos politicamente, pondo a ecónomia de parte.

Quer dizer: servindo-se de uma fórmula química composta por três elementos substituíram um e, a combustão, dando-se espontânea, mas lentamente, durante seiscentos meses, geraram o caos.

* * *

Ao dealbar do ano tinham ficado em suspenso algumas das reuniões internacionais. Os profetas, como sempre, julgavam o futuro da Humanidade sobre a bola de cristal da sua fantasia. Predisseram — mas nada disseram, porém, porque como sempre, «O homem põe e Deus dispõe».

Continua no próximo número

INFORMAÇÃO

aos leitores da «Tribuna Livre»

Como dizemos, em editorial, a simpatia geral despertada à volta do nosso jornal proporciona-nos o ensejo de meter ombros, imediatamente, a extensão do campo de influência da «Tribuna Livre».

Assim, vamos publicar, dentro de três ou quatro semanas, um número especial para assinalar a adesão de mais alguns concelhos à ideia — que é já realidade — de haver no Distrito de Braga um órgão comum e solidário com as diversas terras e interesses locais.

Tínhamos para publicação neste número, alguma colaboração de muito valor, desde logo pela projecção política e social dos nomes que a firmam.

Atendendo a que, mais que a do aniversário é forte e justo o motivo da publicação desse número que anunciamos, para ele deixamos essa colaboração.

Sábado não se publica este jornal

O presente jornal sai no dia de hoje por fazer, neste dia, o seu primeiro aniversário. Sai também maior, o que exigiu dobrado esforço.

Pelos dois factos inclui dois números — o do sábado transacto e o do sábado que vem — do que pedimos muita desculpa aos nossos assinantes.

Portanto, no próximo sábado não se publica este semanário, dando-se, ao pessoal, uma justa folga.

A lenda das Amendoeiras

Por Cândido de Sousa

Quando em 22 do 9 escrevi neste jornal um artigo sobre o pintor Luiz de Campos, intitulado *Um pintor lisboeta, uma paisagem outonal e um poeta algarvio*, fiz referência às diversas versões de *A lenda das Amendoeiras*, resumindo, até, uma delas.

Às lendas em prosa, deixando de parte, propositadamente, uma versão poética que viria a dar novo artigo, como deu — que é este.

E calha bem nesta quadra do Natal, em que a neve se espalha profusamente por todo o nosso Portugal levando uma nota alegre de virginal garridice até aos mais escondidos recantos.

Colhi esta versão numa pequena brochura de 16 páginas, impressa em Coimbra ANNO DOMINI MGMXXX, intitulada *Terras de Portugal*.

O autor do opúsculo é Guido Battelli, há tempos falecido, que foi professor da Faculdade de Letras, de Coimbra.

Este escritor e poeta italiano, contemporâneo, era um grande amigo de Portugal.

Para a sua lingua traduziu vários trabalhos portugueses, especialmente poesias.

Outros, da sua autoria, fo-

ram traduzidos para português, como a brochura atrás citada.

Trata-se — o seu nome o indica — de poesias descrevendo algumas localidades portuguesas mais em evidência.

A penúltima é dedicada à *neve do Algarve* e conta-nos em verso, numa versão de Clotilde de Mateus — a tradução deve-se a diferentes poetas, — como um rei moiro «mandou plantar essas árvores de fantasia nas encostas poéticas, sob as muralhas tristes da Xelb antiga, para que as flores de arminho inundassem de brancura imaculada a alma de Romaiquia, a definir-se com saudades da neve resplandecendo na serra de Cardova»

Cândido de Sousa

(Continua na 12.ª página)

Monteiro Guimarães, Filho, L.da

86 - Rua José Falcão - 96

TELEFONES { 2 2 1 1 7
2 2 1 1 8
3 0 6 2 8

Papeis — Cartões — Cartolinas

Objectos de escritório Artigos escolares

Armazém Importador

Exportador

Concessionários para Portugal, Ilhas e Ultramar
dos Produtos de Toucador — Higiene e Beleza

L A T O J A

A grande Marca de Categoria Internacional

Bento dos Santos Costa & C.a, L.da

(CASA FUNDADA EM 1873)

EXPORTADORES

Fábrica de Fiação, Tecelagem e Artefactos de Malha

Armazém de Fazendas de Algodão
Atoalhados e Lanifícios

Fábricas: Avenida D. João IV — Guimarães — Telef. 4158

Armazéns e Escritórios --Rua Camões--Telefones { Escritório 4268
Armazéns 4319

GUIMARÃES PORTUGAL

Fábrica de Chapéus de Pêlo e Lã Fina

DE Gomes de Almeida & Netos, L.da
Telefone 236 S. João da Madeira Apartado, 46

Chapéus "Natalino,"

Revendedores exclusivos em Feira Nova-Amares

**Armazéns da Feira de
PAULO MACEDO & IRMÃO, L.DA**

Polónio Basto & C.a

33 ANOS AO SERVIÇO

DAS

ARTES GRÁFICAS

Porto

Lisboa

Armazéns de São Tiago, L.da

Fazendas Brancas

Lanifícios

Camisaria

Exportação

Telegramas: Santiago

Telefone 8257

Barcelos

OFICINA DE SERRALHARIA CIVIL E ARTISTICA

DE

ARTUR DA CUNHA CRUZ

SOLDADURAS AUTOGÉNEO E ELÉCTRICA

DESDE O TRABALHO MAIS PERFEITO

ATÉ AO CONSERTO MAIS RÁPIDO E SEGURO

Telefone, p. f. 62113

Feira Nova

A.R.Macedo & Santos, L. da

Mercearias --Torrefação e Moagem de café

22, Rua Fernão de Magalhães, 24

Telefone 84.7642

LISBOA

TRIBUNA do CONCELHO

Glória ao que passa—lição aos que ficam

Morreu o último dos fundadores da Associação dos B. V. de Amares

Faleceu, cêrca das 23 horas do dia 24 do corrente, sendo sepultado no dia 26, o sr. Augusto José Machado, de 85 anos. Sentidas condolências à família.

Terminariamos aqui a notícia se o sentimento de gratidão e o dever público não estivessem em causa.

É que o falecido, juntamente com os senhores Francisco Bernardo de Sousa Monteiro e Paulo José de Macedo, ambos falecidos, constituiu o esforçado trio que fundou a nossa Associação dos Bombeiros Voluntários.

Morreu, pois, como hão-de morrer todas as pessoas desta terra. Mas além daquilo que a quase totalidade deixará e que se apagará pouco tempo depois, ele legou-nos uma obra que tornará o seu nome imperecível.

Hão-de passar os homens de riqueza e algum nome, mas o Augusto José Machado, por força da obra que criou não passará. O seu nome pertencerá ao concelho.

No assento etéreo onde subiu e do qual reverá a sua vida e os seus actos, esse homem há-de verificar, para orgulho seu e benefício nosso, que nada do que deixou na terra, nem mesmo a sua prole transportarão o seu nome por tão longo tempo como a Associação benemérita a que ajudou a dar vida.

Nos últimos anos da sua existência sentiu a amargura de ver a sua obra com pouco fulgor, mas o fulgor divino deve ter-lhe mostrado quão grande foi a homenagem que lhe prestou a terra que o admirava pela obra que criou.

Emoção quando a bandeira cobriu o ataúde. Mais emoção quando os bombeiros da «velha guarda» Manuel José Martins, Mário António Ramos de Azevedo, Emilio Barbosa e Manuel Alves Victoriano tomaram as borlas e ajudaram a conduzir o seu mestre até à igreja.

Glória ao que passa e que o seu exemplo seja lição grande aos que ficam.

Humorismo

«Tribuna Humorista», de-seja aos seus *milhões*... de Leitores, um Ano Novo extraordinariamente risonho. Para que assim seja, oferecer-vos-há, semanalmente e durante o ano de 1957, três comprimidos de vitaminas B. H. (Bom Humor).

Dedicado aos rapazes e raparigas que pensam em casar no ano de 1957:

Aos rapazes—Para prazer e alegria, uma Maria. Para arrelhar uma semana, uma Ana. Para ao amor não dar vénia, uma Eugénia. Para tudo o que se precisa, uma Luísa. Para nos trazer de vigília, uma Emilia. Para dar bisca e sota, uma Carlota. Para dar cabo da tarefa, uma Josefa. Para dar com tudo em pantana, uma Joana. Para juntar boa pecúlia, uma Júlia. Para lhe andar sempre na pista, uma Evarista. Para sossego e para cerimónia, uma Antónia. Para levar a gente á glória, uma Victória.

Para folgar, rir e gozar, é não casar.

As raparigas— Para perfeito matrimónio, um Antó-

nio. Para não amar o fino, um Adelino. Para viver assim... assim... um Joaquim. Para haver sempre banzé, um José. Para fazer arranzel, um Manuel. Para dar um bofetão, um João. Para ter o bombo quente, um Vicente. Para ter marido arisco, um Francisco. Para marido simplório, um Gregório.

Para o mundo não acabar, toca a casar...

Já tens para ti...

Um rapaz um pouco estouvado, estando para se casar, confessou-se primeiramente, como é uso. Depois de se confessar, e tendo já o bilhete de confissão vai ter com o confessor e diz-lhe:

—Esqueceu-se de me dar a penitência:

—Não me disse que se ia casar?

Objectou o padre.

Bom dia sr. Regedor

Aconteceu aqui próximo. Um papagaio, vindo nem ele sabia de onde, pousou no telhado, da sala da escola da aldeia.

Donativos para os mártires da Hungria

Pelo pároco da freguesia de Barreiros, deste concelho, foi entregue à Comissão angariadora de fundos para socorrer o povo húngaro, a quantia de 500\$00. totalidade dos donativos conseguidos naquela freguesia.

A referida Comissão fez entrega daquela importância na delegação da Caritas Portuguesa, na cidade de Braga.

Lago

A todos que nos lerem desejamos que tenham tido um Natal muito feliz e que o novo Ano que dentro em breve se inicia lhes seja próspero, decorrendo de harmonia com os seus desejos.

—À «Tribuna livre» que vai entrar no seu 2.º ano, as nossas saudações, com votos sinceros de longa vida a bem de Amares.

—Nesta quadra festiva do Natal distribuíram esmolas mais avultadas aos pobres, os senhores José António Soares e Artur Manuel da Cunha.

—Foi inaugurado há dias mais um esplêndido autocarro que a Viação Tecedeiro pôs ao serviço das suas carreiras que aqui se iniciam.

J.P.

Foi um sucesso. O pátio encheu-se de camponeses para ver a «avis rara». Por fim, apareceu o regedor, que mandou colocar uma escada para caçar o papagaio.

Este, porém, recebeu-o com um «Bom dia, como vai o sr..?»

O Regedor:

—Desculpe, eu pensei que o sr. era um pássaro!

Terá o nosso jornal vida longa?

(Continuação da 1.ª página)

E justo é julgá-lo resolvido por nos vir a acontecer, com grande frequência, termos de resolver o problema da superabundância, problema sempre desagradável para quem escreve, mas de tolerar por generosa compreensão.

O problema da orientação foi durante muito tempo julgado o mais difícil, principalmente no que refere ao comando da redacção. Aqui reside a alma dos jornais, o ponto nevrálgico da sua continuidade.

A dedicação dum homem embora ele chegue para a ocasião, não significa nunca que a obra vai ter continuidade.

Pelo contrário, deixa de- duzir que a falta do homem,

Um ano de «Tribuna Livre» em Vila Verde

Tudo quanto há um ano se tem dito em a «Tribuna Livre» semanário que se publica no vizinho Concelho do Amares, sobre Vila Verde, tem frutificado assombrosamente em todos os sectores da vida concelhia, onde este semanário é já conhecido em quase todas as freguesias, pela forma brilhante e desassomburada como expõe as coisas.

Não há exagero nesta minha afirmação pois temos constatado que toda a gente está à espera de «Tribuna Livre», que aqui chega aos Domingos, ávida de notícias palpitantes. Por quê? Por, que «Tribuna Livre» de Vila Verde, segue aquela linha que traçou como um *Proetiro* que vigia o bem ao mesmo tempo que aponta os males para serem reparados, fazendo-o com educação e respeito de forma a ser respeitado.

«Tribuna Livre» conta amigos em todos os recantos do Concelho, e, muitos mais contará, desde que a sua divulgação seja um facto, como esperamos, muito em breve.

«Tribuna de Vila Verde», saudamos os seus assinantes e amigos, todo o Concelho de Vila Verde, desejando-lhe um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

J. Vilela

Reconstrução da Nossa Velha Matriz

Vão bastante adiantadas as obras da Velha Matriz de Vila Verde.

Há dias fomos informados que por ser preciso substituir os barroteiros da Capela-Mór, onde tinha penetrado a chamada formiga branca,—que Vila Verde teve a infelicidade de importar à 16 anos, pois que anteriormente a esta data nunca tive noticia desta praga

apesar do autor destas linhas conhecer bem este roedor, pelos muitos anos de permanência em África,—fomos de abalada ver as obras em questão e também para apreciarmos um altar em pedra que dizem datar do século 15. Não somos arqueólogos e portanto não podemos aquilatar da veracidade da informação. Porém, desde já podemos afirmar que é uma raridade apreciável e que deve remontar a muitos séculos atrás, atentas as pinturas a fresco que constituem todo o conjunto, onde se vê Jesus com um livro aberto na mão, S. Pedro oferecendo a Jesus as chaves do Céu, e S. Paulo a espada da Justiça que deveria servir para degolar todos aqueles que, como os daquela época, não tripudiaram em cobrir com argamassa, uma obra de tanto valor, com a ansia de tudo destruir.

Festa desportiva

No próximo dia 1 de Janeiro, dia de Ano Novo, a Direcção do Vilaverdense Futebol Club, leva a efeito a já tradicional festa em homenagem do antigo Club Vilaverdense, glória dos tempos passados.

De manhã, às 10 horas, haverá o hasteamento da Bandeira do Club na sua sede e entrada livre para visita às novas instalações e sala de trofeus, conquistados brilhantemente pelos atletas do glorioso Club.

As 15 horas—desafio de futebol entre o Vilaverdense Saudade Futebol Club e a categoria de honra Vilaverdense Futebol Club.

À noite, confraternização entre Directores, jogadores e associados.

Aniversários:

Terça-feira- O senhor José dos Santos Meneses e o Sr. Faustino Carneiro dos Santos

Quinta-feira O senhor Rosalino de Deus Arantes Meneses

Domingo- O senhor Luiz Machado, Figueiredo

No Passado dia 28 de Dezembro, fez anos a Senhora Helena Rosa Ribeiro Caldas, esposa do nosso delegado em Caracas.

No próximo Sábado, passa mais um aniversário natalício a Senhora, Júlia de Azevedo Caldas extrema mãe do nosso delegado em Caracas. Comemora-se também o 15.º aniversário de casamento do senhor José Carlos Caldas, nosso ilustre delegado em Caracas. Tribuna Livre, apresenta sinceros parabens.

ceado, sim, pelos que temem a verdade.

Podem contar conosco os que querem trabalhar e não aqueles que não o querem fazer.

Podem contar com as nossas notícias todos os que vivem longe e para os quais somos a mensagem da sua terra, o remédio para as suas notalgias, o dia a dia da vida.

O Ano da Mulher e do Lar

Por Jaime B. de Macedo

Não vamos interpretar o ano da «Mulher e do Lar» à face dos rigores das estatísticas, nem somente através dos extravagantes ditames da moda que durante o ano viemos trazendo à leitura das nossas assinantes, mas apenas fazer uma ligeira apreciação da vida feminina em alguns aspectos, sem desprezar os conceitos morais em que deve assentar a vida da família e as tendências que deveriam ser seguidas num lar em que impere a moral, ou seja, no lar verdadeiramente cristão.

A corrente da moda

Passando uma ligeira vista pelo império da moda no ano que finda, vimos várias tendências no subir e descer das saias, no estreitar das mesmas até ao inverosímil, assim como na sua rodagem descomunal, num vai e vem e numa desafinação de pontos de vista que confunde. Enquanto que Jaque Hem e Cristian Dior pugnam pela descida, quase a rondar o tornozelo, Jean Patou debate-se pela ideia de que as pernas das senhoras são para ver-se. Felizmente que a linha Patou não suggestionou grandemente a moda do ano que finda e as saias continuaram a ser sofrivelmente modestas. Seria muito louvável que as leitoras se conservassem no termo médio, para que a saia não fosse, nem exageradamente estreita—porque também pode ofender o pudor—nem exageradamente curta como parece estar a esboçá-la a corrente Patou. A grande rodagem, embora dispendiosa, é elegante, e faz-nos lembrar as damas antigas na sua imponência, somente com a agravante de que é demasiado caro para os nossos dias.

O «tailleur» (saia e casaco), constituiu sucesso durante o ano, e como «toilette» prática que é, encontrará sempre as suas adeptas, tanto mais que está a perder aquela rigidez de linhas masculinas de que se revestia. E ao falarmos no elevado custo dos vestidos rodados, não poderíamos deixar em branco o dispendio exagerado dos casacos e capas de inverno, de avantajadas golas e farta rodagem, alguns confeccionados inteiramente em peles, o que mais veio encarecer o seu custo. Para completar o quadro anti-económico da moda, podemos apontar ainda o elevado custo das roupas interiores que os figurinos representam, com todo o requinte de bordados, rendas e atavios que desde há muito se não viam na preparação dos enxovais.

É de crer que este acentuado agravamento do preço do custo se bem que agrada ao comerciante, não encontre o necessário acolhimento da parte

de quem tem de comprar, levando esta circunstância do preço a uma natural moderação, com o seguimento dos figurinos que se apresentem com características mais económicas. Supomos que no próximo ano tudo se inclinará à moderação da moda e desde já fazemos votos para que a tendência preconizada por Patou não tenha adeptas. Também se nos afigura que a moderação nos decotes é facto agradável a apontar na tendência da moda.

A verdadeira dona de casa

A dona de casa é, digamos, o eixo em que gira toda a economia doméstica e por conseguinte, não só depende da sua habilitação a prosperidade do lar, mas também uma grande parte da economia geral, visto que, pela mão de todas as donas de casa passa a maior parte da renda nacional, constituída pelos gastos gerais das famílias. Se a bolsa inexgotável dos grandes senhores se permite o luxo de gastar sem conta, peso e medida, o magro salário do operariado não consente qualquer desvio no orçamento doméstico, que será forçoso elaborar anualmente, com todo o cuidado, de modo a permitir a satisfação do maior número de necessidades com o menor dispendio. A dona de casa está, portanto, reservado o importante papel de, por meio da sua economia e daquele sem número de habilidades para que foi dotada, tornar o seu lar próspero e feliz, para que não veja trans-tornada a paz da família com a verificação do adágio, que espreita a toda a hora os lares pobres e mesmo os remediados: «casa onde não há pão, todos ralham sem razão».

A mãe exerce múltiplas funções, cada qual a mais especializada, tais como a puericultura, a enfermagem, a pedagogia, e outras menos especializadas mas não menos importantes, como o culinária e a costura, a agricultura e a pecuária, etc. Vale à mulher, no desempenho destas várias funções a sua habilitação, que possui em grau mais elevado do que o homem, mas sem dúvida que o árduo desempenho desta funções não pode ser improvisado, para redundar eficaz. Já hoje em muitas nações se cuida dum modo sério na preparação das futuras rainhas do lar, em cursos especialmente criados para o efeito e com estágios muito benéficos em casas de beneficência, infantários e lares modelo em que se praticam as modalidades que apontamos como mais consentâneas à preparação da mulher para esposa e mãe. O espaço de que dispomos não nos permite alongar mais este importante problema doméstico.

Recomendações da Igreja

Para terminar este modesto trabalho, muito limitado pela falta de espaço e pela competência do autor, vamos dar a palavra à Igreja, que não só recomendou o maior recato na maneira de trajar, em pastoral do Episcopado Português, mas também condenou expressamente todos os desgarramentos da moda que afetem a modéstia cristã, em termos enérgicos—«... condenamos com toda a nossa autoridade: a imodéstia dos vestidos que, por demasiadamente cingidos pela estreiteza, põem em relevo as formas, cujo recato a fé e a própria dignidade natural exigem; a imodéstia dos vestidos de tal maneira reduzidos, que quebram a reserva e o respeito com que deve olhar-se um corpo que foi consagrado a Deus no baptismo, e que aliciam ao mal; a imodéstia dos vestidos que, por sua transparência, são causa de ruína espiritual. As pessoas do sexo feminino terão a cabeça coberta, vedado o peito e os braços, usarão meias (se pela sua condição as costumam usar) e evitarão trajos masculinos. Também os homens em seus trajes e maneiras, observarão a modéstia cristã, que por igual os obriga, e não deverão ser admitidos nas igrejas nem nos sacramentos se se apresentarem indevidamente, por exemplo de «shorts», calções vulgares, ou em mangas de camisa».

O ano visto por um poeta

O meu preito

À «TRIBUNA LIVRE» e a todos que n'ela trabalham

Venho saudar a «Tribuna»
De todo o meu coração,
Por fazer agora um ano
Que altiva entrou nesta acção.

Nascida para o combate,
O bom combate sustenta
Para varrer d'esta terra
Tanta coisa poeirenta.

Foi um grande ano de luta
Este ano que agora passa;
Mas os mandões cá do burgo,
São os mesmos, por dasgraça.

São cegos, não têm olhos,
São surdos, não têm ouvidos,
E lá dentro da cabeça
Têm turvados os sentidos.

O que vale à nossa terra
São as belezas antigas...
Porque aquêles que a governam
Não lhe fazem senão figas.

Portanto, «Tribuna» amiga,
Depois d'esta saudação,
Só lhe digo: continue
A cascar... sem compaixão.

UERBA

O ano agrícola

Por Jaime B. Macedo

Ao iniciar este artigo, correu-nos logo à ideia que não seríamos nós—muito longe disso—a quem competeria dizer alguma coisa sobre a lavoura, mas como fomos solicitados para isso, por falta de resolução de outros mais competentes para o fazer, vamos arriscar a nossa opinião, que procuraremos, como sempre, revestir da possível exactidão e boa vontade de servir.

Aspecto económico

O nosso Concelho é economicamente de valor apreciável. Explorado em moldes agrícolas muito especiais, além do elevado aproveitamento do solo, tem na silvicultura um dos seus principais esteios económicos, e, com os mimosos e extensos laranjais e olivais forma, em conjunto com os vinhedos e outras variedades de fruteiras, um precioso pomar, em que os frutos são saborosos e de qualidade excepcional.

Isto pode tornar o nosso Concelho invejável, como real

mente é, mas durante o ano que finda a vida não correu propícia ao agricultor amarense, cuja economia foi rudemente sacudida por intempéries como jamais se lembra ver experimentado.

Logo no início do ano os laranjais foram crestados com a geada, de tal modo, que a folhagem veio a cair, e embora na primavera começassem a afolhar muito bem, o certo é que se perdeu toda a colheita do corrente ano e as árvores não floriram para que nos pudessem dar os seus belos frutos em 1957. Estas duas colheitas totalmente perdidas em quase todo o Concelho—na melhor hipótese de não voltar a sobrevir a calamidade—redundou já num prejuizo irreparável para a economia agrícola do lavrador amarense, com os consequentes reflexos na vida económica do comércio e da indústria. Concelho essencialmente agrícola, por não dispor de indústrias a que recorrer a sua crescente população, sente como poucos, em anos

de crise, as consequências da debilidade financeira do agricultor.

Sem o recurso da laranja, a agricultura lança-se na venda dos pinhais, excelente fonte de rendimento que desempenha para muitos, a função do «pé de meia», mas que se está a empobrecer pelos sucessivos cortes a que as necessidades obrigam.

A produção vinícola foi pouco feliz também neste ano, não só pela má qualidade do produto como pela escassez do rendimento. Não foi ainda aqui que a lavoura teve compensação do seu esforço, pelo contrário. O prolongamento das chuvas em pleno estio, prejudicou muito a vinicultura. Em contrapartida o ano cerealífero foi de certa prosperidade para as terras de sequeiro, e como estas são em grande quantidade, compensou alguns prejuizos havidos nas de regadio, mas valeu-nos sobretudo o excelente outono que permitiu o aproveitamento completo

(Continua na 4.ª página)

Dados históricos do concelho de Amares

Por Domingos M. da Silva

Quando, em 1258, as alçadas de Afonso III percorreram o norte do país, a *inquirir* mais uma vez, e com mais insistência, das fontes de receita do Estado, esse grande distrito, que foi inicialmente o Julgado de Bouro, aparece consideravelmente reduzido, pela criação de quatro novos julgados, assim destacados: *Entre Homem e Cávado*, que, junto com aquele, ficou a compreender todas as terras deste modo abrangidas entre os dois rios; fora destes limites naturais, os julgados de *Larim*, *Vila-Chã* e *Regalados*.

Embora não seja de todo fácil, a um superficial exame, definir com verdadeiro rigor histórico qual dos dois concelhos hoje existente, o de Riba-Cávado (Amares) e o da Ribeira de Homem (Terras de Bouro) deve considerar-se herdeiro das tradições daquele primitivo grande julgado, é, porém, certo que, pela razão de ser do seu primeiro assento e sede bem assim de certas prerrogativas, tudo veio centralizar-se nesse pequeno enclave, que foi de princípio o Couto de Bouro, depois elevado a concelho, e mais tarde junto ao de Entre Homem e Cávado formaram o de Amares.

Com excepção dos coutos de Bouro e de Rendufe, o senhorio de todas estas terras, e ainda das de S. João de Rei, entrou na grande Casa de Azevedos (de que foi progenitor aquele célebre D. Arnaldo de Baião) sita entre Prado e Barcelos, isto pelo casamento de D. Maria Rodrigues de Vasconcelos, filha do fundador do Solar de Assamaça, Rui ou Rodrigo Anes de Vasconcelos (o trovador), com Vasco Pais de Azevedo, senhor do couto e casa deste nome, especial valido de Afonso IV o «Bravo», com quem se achou, acompanhado já de seu filho, *Gonçalo Vasques de Azevedo*, na batalha do Salado.

Passou deste seu filho a seu neto *Diogo Gonçalves de Castro*, assim chamado por ter aí residido; depois ao filho deste, *Lopo Dias de Azevedo*, a quem D. João I armou cavaleiro em Aljubarrota no qual confirmou estes senhorios a 8 de Fevereiro de 1388, estando em Melgaço.

Foi um dos Capitães de Ceuta, onde se encontrou com todos os seus filhos.

Dois deles, Luis de Azevedo e *Lopo de Azevedo*, aqharam-se depois, por parte do infante D. Pedro, no fatal recontro de Alfarrobeira.

A Lopo, que era alcaide-mor de Sintra e senhor de de Ponte de Sor, da *Casa de Castro com o padroado de Carracedo*, por lhe haverem cabido em legítima, D. Afonso V ordenou que além de ter ficado prisioneiro (outros dizem que aí morreu) lhe fossem confiscados todos os seus bens, que

então reverteram para a coroa.

Os senhorios de S. João de Rei e Terras de Bouro vieram mais tarde à Casa da Tapada pelo casamento (1608) de D. Brites da Silva e Menezes, 5.ª Senhora desta, com Diogo de Azevedo Coutinho, 10.º donatário daqueles concelhos.

Porém, como *Pedro Machado* tivesse participado na mesma batalha contra o infante regente, além de outros serviços que prestara, D. Afonso V deu-lhe por merecê a quinta de Castro, e outros bens confiscados a outros fidalgos. Deu-lhe mais o Senhorio de Entre Homem e Cávado, com todos os direitos e pertencias mas com a condição de pagar a D. Maria de Azevedo, irmã daqueles e 2.ª vez viúva, então de Álvaro de Meira, 500 coroas de ouro, que D. João I lhes prometera em casamento, senhorio que ela ainda conservava por garantia desse pagamento.

A doação a Pedro Machado, que se considera o 1.º donatário deste concelho, tem a data de 29 de Abril de 1450.

Recebeu ainda por sua mulher, D. Inês de Góis, entre outras terras, o senhorio da Lousã. Morreu no escalonamento de Tanger.

El-rei D. Manuel deu-lhe foral em Lisboa a 8 dias de Abril de 1514. Sua viúva casou com Álvaro da Cunha, senhor de Lanhoso.

Francisco Machado, seu filho e 2.º senhor de Entre Homem e Cávado, serviu os reis D. Afonso V, D. João II e D. Manuel. Casou com D. Joana de Azevedo e veio falecer em 1518.

Manuel Machado de Azevedo, 3.º donatário e comendador de Sousel, mandou fazer a capela de S.ta Margarida. Viveu aqui muitos anos e morreu, sendo sepultado na mesma Capela assim como sua mulher D. Joana da Silva. Foi irmão de D. Briolanja de Azevedo que causou com o insigne poeta e reformador da poesia, o Dr. Francisco de Sá de Miranda, fundador da Tapada.

Francisco Machado da Silva, 4.º senhor de Entre Homem e Cávado, casou com D. Maria da Silva, da Casa

de Regalados, a qual matou por julgá-la infiel, momentos depois de ter também mandado assassinar Henrique de Sousa, comendatário e benfeitor de Rendufe, isto na Casa de Castro, a 3 de Fevereiro de 1567. Passou a 2.ªs núpcias com D. Mécia de Melo, filha de Gonçalo Coelho, senhor de Felgueiras e Vieira e de sua mulher D. Maria de Melo, de Pombeiro.

Era afilhado do cardeal-rei D. Henrique, que veio celebrar o seu baptismo, sendo então arcebispo de Braga.

D. Margarida Machado da Silva, filha do 1.º matrimónio, casou com Manuel de Araújo e Sousa, de Arcos de Val-de-Vez e foram os 5.ºs donatários de Entre Homem e Cávado.

Félix Machado da Silva, o célebre marquês de Montebelo, casou com D. Violante Orosco e Lodron, filha dos marqueses de Mortara, em Itália; conservou-se em Madrid depois da aclamação de D. João IV, e lá morreu em 1662. Seu filho o 2.º marquês mandou trazer seus restos mortais para Carracedo, recebendo sepultura brasonada na capela-mor da igreja com a seguinte inscrição:

Aquí jaz Félix Machado comendador de S. João de Coucieiro e D. Violante de Horosco e Lodron, Marqueses que foram de Monte Belo e Srs. deste C.º e D.º Fr.co e D.º D.º (Diogo) Machado seus filhos forão trasladados de Madrid a esta capela em 22 de 7.º do anno 1664.

António Félix Machado da Silva e Castro, 2.º marquês, casou em Lisboa com D. Luisa Maria de Mendonça. Foi governador de Pernambuco e grande cavaleiro. Sucedeu-lhe: *Félix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos*, do conselho de Estado, Coronel de infantaria; alcaide-mór de Mourão, também foi governador de Pernambuco. Casou com D. Eufrásia Maria de Menezes da Silveira e veio a falecer em 1731.

Luis Carlos Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos, moço fidalgo da Casa Real, alcaide-mor de Mourão, etc. e Senhor de Entre Homem e Cávado, casou com D. Isabel Catarina Henriques, neta dos 2.ºs condes de Avintes.

Jorge Francisco Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos de Magalhães Lorena e Menezes Orosco e Lodron, foi moço fidalgo, provedor do Hospital de Lisboa, Comendador de Avis etc. Coronel de infantaria na guerra de 1762.

Foi o décimo senhor de

Por que é Santa Luzia, advogada contra os males dos olhos?

Por Padre Calisto Vieira

Os artistas representam Santa Luzia, Virgem e Mártir, na pintura e na estatuária, como uma jovem que segura um prato ou uma salva, onde estão os seus olhos.

Qual o motivo desta estranha figuração? Por que é que os seus belos olhos luzentos (na frase de Dante) saíram das órbitas e foram colocados num prato? A narração da sua vida, isso mesmo explicará e também o culto especial que recebe da parte dos que sofrem de doenças oftálmicas.

Santa Luzia, é uma daquelas heroínas cristãs do século III, que deram testemunho brilhante da sua fé, recebendo a dupla Coroa da Virgindade e de Martírio. As outras foram S. Agueda, S. Inês e S.ta Cecilia, etc.

Luzia, jovem cristã, nobre e rica, era natural de Siracusa (Itália) onde a sua beleza impressionou um mancebo daquela mesma cidade, que procurou Cortejá-la, mandando-lhe cartas e presentes, em testemunho da afeição que lhe dedicava. Mas Luzia, sendo Cristã, e sabendo quanto era arriscado professar o Cristianismo, não aceitou o afecto dum pretendente que era pagão.

Nas cartas que lhe escrevia o mancebo mencionava frequentemente o brilho dos olhos da jovem, que o fascinava e por cujo motivo a perseguia.

Diz a lenda que Luzia, re-

Entre Homem e Cávado. Casou com D. Luisa Antónia de Saldanha e seguiu-se-lhe:

Luis Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos, Brigadeiro de infantaria na Guerra Peninsular, a quem se faz a mais honrosa referência entre os últimos Vasconcelos. Casou com sua prima D. Mariana Saldanha e Oliveira Daun, filha dos condes de Rio-Maior. Sucedeu-lhe a filha:

D. Maria Amália Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos Orosco e Ribera, que casou com *José Maria Rita de Castelo Branco Correa da Cunha de Vasconcelos e Sousa*, 1.º conde da Figueira, filhos dos 1.ºs marqueses Belas. Foi Capitão-general do Rio Grande do Sul e Ajudante de El-Rei D. Miguel, de quem foi amigo e leal servidor.

Estes foram os duodécimos e últimos donatários de Entre Homem e Cávado que, em virtude da extinção dos vínculos e privilégios de morgadios, se juntou com Santa Marta de Bouro e formaram o actual concelho de Amares, por decreto de 31 de Dezembro de 1853.

corda-se da passagem do Evangelho, em que o Senhor, diz:

—Se o teu olho te escandaliza, tira-o e lança-o fora de ti; melhor te é entrar para a Vida (o Céu) com um só olho, do que tendo dois, ser lançado no fogo do Inferno (S. Mateus XVIII, 9)—pegou n'uma faca e arrancou os olhos.

Depois mandou-os n'um prato ao seu admirador, com estas palavras: «Aqui tendes o que desejais tão ardentemente; agora peço-vos que me deixeis em paz.»

Este heróico gesto de despreendimento chocou profundamente o mancebo, cujo desgosto e remorso foram a causa de ele abraçar o Cristianismo. Pensava assim: Se uma donzela de tanta formosura se desfigurou desta maneira pela sua Fé, é porque esta contém alguma recompensa mística que desconheço...

Luzia, estando um dia em oração, veio milagrosamente a recobrar o sentido da vista depois de ter dado aquela grande prova do seu heróico amor a Deus.

Orfã de pai, um nobre romano morto na tenra idade da filha, vivendo só com sua Mãe de nome Entíquia, sem ela o saber, a jovem consagrou a Deus a sua Virgindade, aspirando ainda desposar-se dos bens materiais que possuía, em favor dos pobres. A mãe de Luzia sofria de hemorragias e a filha convenceu-a a fazer romaria ao túmulo de Santa Agueda (Martirizada cinquenta anos antes), pedindo-lhe a cura. Foram ouvidas: gratas aos divinos favores recebidos, Entíquia achou que devia fazer algum acto bom, em reconhecimento do Milagre. Foi então que Luzia comunicou o desejo de não casar com o noivo que lhe estava destinado, como igualmente de se despojar dos bens, o que tudo foi acordado.

Não se conformando com tal decisão, o mancebo repellido, denunciou-a como Cristã a Pascácio, governador romano da Sicília. Tanto bastou para ser chamada à presença daquele Magistrado que a convidou a negar Cristo e a adorar os ídolos. A diligência resultou infrutífera pelo que foi condenada a ser levada a um lugar torpe. Deus, que veio em seu auxílio, não permitiu que forças humanas pudessem mover do sítio em que estava; os soldados amarram-lhe uma canga de bois, mas continuam sem nada poderem. Então o magistrado, nada conseguindo contra a pureza da Santa, teve de mudar de parecer, e mandou acender uma fogueira para a queimar juntando à lenha, óleo e alcatrão. Apesar de todos os es-

Continua na 6.ª página)

O ANO DESPORTIVO

Por João B. de Macedo

Finalmente do contacto futebolístico internacional saímos prestigiados.

Depois de muitos anos em que o futebol quase só conheceu o traço amargo da derrota, a ponto das pugnas internacionais serem proibidas, o ano que hoje acaba deu-nos a patriótica satisfação de resultados altamente honrosos, considerados bons para qualquer das grandes potências da bola.

Vitória de 3-1, nas Antas, sobre a Inglaterra, sem que ao menos os antigos mestres pudessem apresentar uma razão accidental, para atenuar os números; empate, no Jamar, com a Hungria, os grandes campeões do mundo moralmente, agora mais admirados do que nunca pelos povos livres, no precioso momento em que no aspecto nacional e desportivo sofrem a pior agrura da sua história.

Nas pugnas futebolísticas nacionais o grande vencedor foi o F. C. do Porto, há 14 anos à espera da maré alta que só agora experimentou, aliás com redobrado mérito.

Campeão Nacional e vencedor da «Taça» num só ano é proeza a realçar. Ela diz-nos também da superioridade da escola brasileira que se fixou entre nós e é causa indirecta da nossa subida internacional.

Partidários do slogan «preferimos sempre produtos nacionais» não queremos encobrir uma verdade notória até por que é prenda de irmãos e não de estranhos.

O desporto português sentiu-se também largamente valorizado com a inauguração do Estádio do Sporting um dos maiores agrupamentos do desporto nacional; não menos lindo, embora um pouco mais pequeno, o Estádio do Belenenses é prenda grande para a nossa valorização.

Com campos *pelados* na primeira divisão, desprimorosa situação de inferioridade, assistimos ao arrelvamento dos recintos do Lusitano de Évora e da Cuf, nota a merecer referência.

Alves Barbosa, alardeando superioridade notória foi o grande vencedor da «Volta a Portugal», perfumando as estradas de Portugal de um valor que já havia erguido o nome seu e nosso na maior competição mundial de ciclismo que é também a maior manifestação que o desporto mundial conhece.

E no meio deste optimismo e sábia satisfação patriótica, uma nota de tristeza regional—o Sporting Club de Braga desceu de divisão. E para maior arrelia e enervamento fê-lo sem ser o pior, mas tão somente porque se desorientou e desmoralizou.

Todas as tentativas para alargar o Nacional foram baldadas.

A Lisboa que nós libertamos da gente moura, domina-nos agora como grande senhora, sem um carinho ao menos para o dedicado pai.

É possível que para o ano

que vai iniciar-se, mude de orientação se o infortúnio lhe bater á porta como tudo indica que vai acontecer.

No Oquei em Patins, a modalidade que mais nos tem elevado nos últimos anos, o Benfica voltou a pontificar como grande senhor a quem nós muito devemos.

A nossa representação olímpica foi fraca em número a demonstrar que não entramos ainda decididamente no verdadeiro culto do desporto, índice de civilização.

Progredimos nas modalidades que conseguem surpreender-se por si, mas o mesmo não acontece naquelas em

que a ajuda deveria surgir de outra maneira que não seja pela bilheteira.

O andebol voltou a denunciar possibilidades a ter em conta e o Tiro aos Pombos marcou novamente lugar de relêvo no panorama geral. No Tiro aos Pratos evidenciou-se como figura grande o nosso conterrâneo sr. Calheiros de Abreu a quem a modalidade deve uma dedicação e um valor fora de série.

Desejamos, para terminar, que o Norte traga para si, novamente, o Nacional de Futebol e que o nosso Sporting de Braga consiga entrar para o convívio dos grandes.

Se não puder ser pela vitória na segunda divisão, ao menos por uma arrancada como a de Aveiro, com o primeiro Homem de Braga à frente.

O ano agrícola

(Continuação da 4.ª página)

da colheita, salvando até o que o verão estragou.

Ainda no respeitante à pecuária há a lastimar as grandes epidemias que grassaram nas coelheiras e nos galinheiros, com graves prejuízos para a economia doméstica dos lavradores, a que recorrem, ou para gastos de casa, ou para conseguirem fundos para as pequenas despesas do dia a dia.

Só nos resta fazer votos para que o próximo ano seja bastante melhor do que o corrente, para que a lavoura possa atamancar a sua economia, já que não lhe podemos augurar prosperidade completa sem uma grande reforma, que deverá alcançar os próprios costumes do lavrador.

Projecção do corporativismo na agricultura

Por várias vezes, durante o ano, fizeram-se reuniões das Federações dos Grêmios da Lavoura e nelas se analisaram alguns dos mais palpitantes problemas agrícolas, com farta troca de impressões, mas nem sempre se notou uniformidade de pontos de vista sobre muitos assuntos ventilados, que ficaram em suspenso e entregues a comissões nomeadas para os resolver, no entanto ter-se-ia feito luz sobre muitos e as comissões se encarregarão certamente de harmonizar os restantes. Parece estarmos contudo a distância dessa almejada unidade e enquanto que realmente não houver uniformidade na forma de pensar e agir, não se conseguirá caminhar com segurança nos árduos e intrincados caminhos que faltam percorrer na estr-

da íngreme da vida agrícola nacional.

A unidade entendemos que deverá partir da prometida Corporação da Lavoura, em boa hora projectada pelo Ministério das Corporações, mas que encontrou já escolhos no caminho, como sempre se tem verificado quando entram em acção os interesses da lavoura, ou sejam por simples fatalidade, ou por qualquer outro motivo ignorado.

Já Sua Ex.a o Senhor Ministério da Presidência, com a sua esclarecidíssima opinião, afirmou a quando do IV Congresso da União Nacional:

«Não sei porquê, a Organização da Lavoura encontrou, a alturas tantas, certos embaraços oficiais. Nessa altura, uma demonstração magnífica da necessidade da prossecução do ordenamento corporativo, produziu-se uma corrente espontânea a partir dos Grêmios da Lavoura para a formação das suas federações provinciais que, por sua vez, criaram um movimento nacional de coordenação nem mais nem menos afinal que a Corporação da Lavoura. Presto homenagem a toda esta obra que considero das mais significativas provas de quanto o espirito corporativo se acha radicado no País e possui poder dinamizador!»

Embora se note este espirito de iniciativa por parte dos organismos primários e já mesmo dos organismos secundários da lavoura, e não menos interesse da parte de S. Ex.a o Senhor Ministro das Corporações, não se encontra ainda em funcionamento a Corporação, como se previa estivesse dentro do ano que finda. E será um facto no próximo ano? Fazemos votos que sim, para se não protelar por mais

O Ano Cinematográfico

Por Joaquim Monteiro (Jorge)

Ao fazermos o balanço do ano cinematográfico, evidentemente que nos referimos somente aos filmes que foram apresentados em Braga, entre Janeiro-Dezembro de 1956.

Queremos, antes de mais, agradecer às Empresas do Teatro Circo e S. Geraldo todas as atenções que nos dispensaram durante o decorrer do ano que hoje finda, e muito especialmente eleger a atitude de colaboração que se dignaram oferecer-nos, pondo ao nosso dispor os documentos necessários para a elaboração deste trabalho. Sinceramente gratos, pois.

No ano de 1956 foram exibidas trezentos e quarenta e nove películas, num total de quinhentas e sessenta e três sessões.

O filme americano, como é óbvio, ocupa o primeiro lugar na escala do quantitativo, como facilmente se verifica ao indicarmos o número do produto de outras origens: italianos, 24; franceses, 16; espanhóis, 6; ingleses, 8; alemães, 6; mexicanos, 4; japoneses, 2; portugueses, 4 e austríacos, 1. Assim, foram apresentados duzentos e setenta e oito filmes americanos.

No numerário total das películas foram apresentadas: em cinemoscópio, 102; vista-vision, 18; superscope, 7; em metroscope, 6; em stereosinescope, 1 e em filmscope, 1. Assim, foram vistos duzentos e catorze filmes em sistema normal.

Depois destes dados estatísticos, cumpre-nos especificar, no nível de valores, as películas seguintes: o cinema ame-

ricano, usufruindo da vantagem em unidade e em técnica, chama a si, ainda, o maior número de bons filmes, como: *Ilá lodo no cais*, *Bom dia*, *Miss Dove*, *Sementes de Violência*, *Conspiração do Silêncio*, *o Palhaço*, *Piquenique*, (o melhor filme em cinemoscópio), *Melodia Interrompida*, *A Colina da Saudade*, *Bem no Meu coração*, *A Rosa Tatuada*, *A Leste do Paraíso*, *Homem que nunca existiu* e *Marty*. Melhor filme americano, MARTY. As melhores interpretações couberam a Van Johnson no filme *A Última vez que vi Paris*, a Glenn Ford em *Melodia Interrompida*, e a Jennifer Jones, em *Bom Dia*, *Miss Dove*!

Dos filmes italianos, apenas seleccionamos: *A Estrada*, de Fellini, e *Camilla*, de Emer.

O cinema francês, com *O Amor duma Mulher*, *Dossier Negro* e os *Orgulhosos*, guinhou-se a notável plano no car-

(Continua na 4.ª página)

Santa Luzia

(Continuação da 5.ª página)

forços, as chamas não a queimaram e foi-lhe destinada outra espécie de Martírio. Só à espada permitiu Deus que Luzia morresse, para a admitir na mansão dos justos. Antes de expirar, a Virgem Santa Luzia predisse a morte do tirano e a Paz para a igreja Católica.

—A fama desta Veneranda Mártir, correu o Mundo. Somente em Roma, há vinte igrejas a ela dedicadas. Na Inglaterra, em tempos, o dia da sua festa, era de guarda.

A sua festa litúrgica é a 13 de Dezembro. As suas principais relíquias estão guardadas em Veneza, excepto a Cabeça que se encontra na Catedral de Bruges (Bélgica)

Reflexões e Máximas

—Se as donzelas soubessem quanto a virtude realça a beleza corpórea, todas haviam de querer ser virtuosas para serem formosas (Séneca—sábio pagão).

—A Virgindade é um estado superior que faz o homem semelhante aos Anjos.

Os anjos vivem sem carne e as almas, Virgens, vivendo em carne, triunfam da Carne. (S. Ambrósio)

—Fazei por imitar os Santos para vos juntardes com eles na felicidade dos Céus.

Senhores Lavradores

Donos de propriedades rústicas

Tiveram colheitas deficientes?...

O ano agrícola foi mau?...

Não queiram preocupações, coloquem os vossos capitais em propriedades Urbanas, onde o rendimento é sempre certo, chova ou faça Sol, e em Lisboa ou arredores mais garantido está; se pretender comprar ou vender alguma propriedade, dirija-se, mesmo por escrito, a

ANTÓNIO DE BARRROS GONÇALVES
QUE LHE DARÁ INDICAÇÕES

Encarrega-se do recebimento de rendas, pagamento de contribuições, fiscaliza obras etc. etc.

Dá todas as referências comerciais, particulares e bancárias

Avenida Almirante Reis N.º 221- 3.º Andar-Esquerdo

Telefone 728039-Lisboa

Panificadora da Pontinha, L.da

Pontinha - Lisboa

Telefone 031112.

Esmerado fabrico de Pão de todas
as qualidades

INDÚSTRIA DE MÁRMORES
do continente Português

Precisa de Agentes para Exportação e que saibam trabalhar para a sua colocação em mercados estrangeiros. Envia-se amostras das qualidades. Pedidos a Manuel da Costa.

Pero Pinheiro-Sintra

PORTUGAL

A INDUSTRIAL MARMORISTA

Coloca jazigos em mármore e granito, em qualquer localidade do país.

Fornece, também, granitos e mármore para toda a construção civil

Rua da Meditação, 71

PORTO

JOSÉ PINHEIRO DA SILVA & C.ª

FUNDADA HA 88 ANOS

Armazém de papelaria

Artigos para Escritórios

Artigos Escolares

Porto

Feira Nova — António Dias Paredes — Amares

TELEFONE 62132

ARMAZÉM NOVO

TECIDOS-MALHAS-MIUDEZAS
Roupas feitas, chapéus, guarda-chuvas, camisaria

LANIFICIOS, chales, lãs em fio, cobertores da Serra, cobertores de ramagens, panos de lençois, atalhados, colchas de algodão e seda
Lenços de tulle, vestidos de Batizado e cotins

Grande sortido em sedas
Sempre novidades e aos melhores preços

A FUNERÁRIA

A mais antiga casa do género no concelho

Serviço permanente, rápido e perfeito, simples e de luxo para todas as categorias, velas para promessas

Andores para Procissões, ramos para casamentos

Também se preparam Cruzes para a visita Pascal

Tabacaria de V.a de Augusto Marques Rego

Deseja aos seus estimados clientes, boas festas e feliz ano novo

Depósitos de tabacos Portugueses e Estrangeiros

Venda por junto e a retalho

Correspondente dos Bancos, Nacional, Banco Borges & Irmão, Banco Pinto Sotto Mayor, Banco Nacional Ultramarino, Banco Lisboa & Açores, Banco Português do Atlântico, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, etc.

Largo Doutor Oliveira Salazar (Feira Nova)

Telefone, 62124

Amares

No Centro Comercial da Feira

Encontram V. Ex.^{as} um completo sortido em:
Fazendas de Lã, seda e algodão —
Camisaria — Chapéus — Guarda-Chuvas
Malhas e Miudezas



São duas casas que se impõem pela sua reputada honestidade e bom servir.

Não esqueça Centro Comercial e Antiga Casa Menezes.

E na Antiga Casa Menezes

Bom sortido em: Merceria — Ferragens —
Materiais de Construção e Drogas--reendedor concelho e depositário **CIMIANO**
Produtos fibrocimento

Mário António Ramos de Azevedo & Filhos

Que deseja aos seus clientes e amigos um ano muito próspero.

Correspondente Bancário e Agente da Companhia de Seguros A Mundial

Largo Dr. Oliveira Salazar Tel. 62117--Amares

Tinturaria Feiranovense

DE

Alberto Gonçalves

Tintos garantidos em todas as cores--Executam-se lutos em 24 horas, lavagem de fatos, Gabardines, etc.

Trabalho esmerado

Preços convidativos

Largo Dr. Oliveira Salazar -- Telefone 62113 -- Amares

ARMAZENS DA FEIRA

DE

Paulo Maceclo & Irmão L.da

TECIDOS-MALHAS E MIUDEZAS

Completo sortido de fazendas de lã, seda e algodão para homem e senhora, malhas, camisas, chapéus, guarda-chuvas, enxuais de Batizado e casamento.

No seu próprio interesse visite os «Armazéns da Feira».

Tudo aos melhores preços do mercado

E para constatar esta quadra:

Querida, diz-me o que tens?
Tenho alegria constante
Foi aos Armazéns da Feira,
E vim de lá radiante.

Largo Dr. Oliveira Salazar Tel. 62113

FEIRA NOVA

AMARES

Drogaria «Menal» de José dos Santos Menezes

Deseja aos seus estimados clientes, Boas-Festas e um ano próspero

Materiais de construção, artigos agrícolas,

ferro, arame, adubos, sulfatos, cal etc.

Aos mais baixos preços

Largo Doutor Oliveira Salazar

FEIRA NOVA

Telef. 62142

AMARES

Farmácia Marques Rego

COM FILIAL EM S.ta MARIA DE BOURO

Sortido completo de todas as especialidades

FARMACEUTICAS

Perfumarias

Depósito da Companhia Portuguesa de Tabacos

Correspondente Bancário

Largo Dr. Oliveira Salazar

Tel. 62124

AMARES

"Farmácia Loureiro,"

Direcção técnica de Maria Manuela B. F. Basto.

Completo sortido de produtos químicos. Especialidades Farmaceuticas.

Largo do Terreiro—Telefone 3863
Bouro Amares

"Padaria Universal,"

de Amandio Manuel Fernandes

Pão de trigo e milho, bem como todas as especialidades do ramo. Casa especializada no Regional pão de "quartos".

Largo do Terreiro-Bouro-Amares

Mercearia

DE

Amândio José Vieira

Completo sortido de mercearia e vinhos, tabacos e miudezas. Especialidade em vinhos tinto e branco, à garrafa ou a copo.

Lugar do Cano-Bouro-Amares

Mercearia

DE

Francisco José da Silva

Completo sortido de Mercearia, vinhos e tabacos. Sempre os melhores vinhos da região. Depósito de Sal.

Largo do Terreiro-Bouro-Amares

Casa Almeida & Silva

Completo sortido de mercearia, fazendas chapéus, calçado e guarda-chuvas. Depósito de Sal, cal, telha, tijolo e todos os materiais de construção.

Os melhores artigos, aos mais baixos preços.

Largo do Terreiro-Tel. 3865-Bouro-Amares

APARELHAGEM SONORA

DO

Centro Comercial de Bouro

Esta Aparelhagem está equipada com o melhor e mais moderno Material, garantindo assim um serviço com perfeição. Exiji-la, é ter a certeza de ser bem servido.

Largo do Terreiro-tele. 3865 e 3867 Bouro-Amares

FÁBRICAS DE URNAS FUNERÁRIAS

DE

Augusto do Sacramento Costa**SECÇÃO FUNERÁRIA**

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornamentações de Igreja, tanto em luto como em gala, Andores dos mais luxuosos.

Coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces para a visita Pascal e todos os demais serviços deste género.

Sempre grande depósito de luxuosas urnas.

Bons preços e bons serviços.

No seu próprio interesse consulte esta casa.

Feira Nova

FÁBRICA DE URNAS

Fabrica toda a espécie de urnas em mogno, pau-preto, pau-setim, pau-santo, nogueira, austrália, pinho etc.

Os mais luxuosos e variados modelos, tendo sempre em depósito grande sortido.

Preços sem concorrência

Amares

A FORNECEDORA

DE

António Bento Dias

Deseja aos seus clientes boas festas e feliz ano novo

Empreiteiro e Fornecedor de Materiais de Construção.

Completo sortido de esteios para ramadas, paralelepipedos, proprianho, cantarias e pedras para diversas obras.

Inventor da afamada PATELA, que tem construido os mais económicos prédios da actualidade.

Tem camionetas suas para transporte destes materiais

Consulte esta casa e ficará com a certeza de que é bem servido.

Feira Nova

Tel. P. F. 62113 e 62117

Amares

ANTIGA CASA V.º FONTES

DE

FÉLIX RIBEIRO

Esta casa possui todos os artigos de Mercearia, Tabacaria, Sapataria, Chapéus, Guarda-Chuvas, Miudezas, Óleos e todos os artigos de Caça e Pesca.

Depositário da pólvora bombardeira "Cisne" e AGENTE DA LUSALITE

Visite esta casa e encontrará V. Ex. a preços convidativos.

FEIRA NOVA

GAZCIDLA

Em toda a parte e para todos os fins.

GAZCIDLA, o combustível moderno, poderoso e económico
Para cozinhar, águas quentes, frigoríficos, luz e aquecimento.

Veja o que é a maravilha do GAZCIDLA, no depositário Félix Ribeiro desta Vila. Viva com GAZCIDLA onde quer que viva.

AMARES

Empresa de camionagem

DE

Arlindo José de Macedo

Esta empresa possui vários camiões com licença de aluguer Transporte de carga para qualquer localidade e os melhores preços.

PARA QUALQUER TRANSPORTE,

Consulte-a no seu próprio interesse

Armazenista de todos os cereais e legumes

FEIRA NOVA

AMARES

Albertino da Silva Lage

VEDOR

Desloca-se para qualquer localidade em pesquisa de água subterrâneas.

Quem tiver necessidade, queira derigir-se-lhe

Paredes-Secas

Amares

Bazar de Caldeas

Brinquedos—Bonecos

Tecidos—Livreria

Louças—Novidades

Recordações—Miudezas

José António Pires

Termos de Caldeas

Mercearia do Paço

LAGO

Mercearia—Vinhos
Fazendas—Louças
Miudezas.

Talho de Carne de Porco

Telefone 7157

José António Pires

LAGO

Mercearia Pires**De J. Pires & Pires, L.da**

Completo sortido em artigos de mercearia fina. Especialidade em café

R. Gabriel Pereira de Castro, 97-101-R. do Burgo 23-27.

Telefone 2820

BRAGA

HOTEL PORTUGAL

DE

José António Vieira

Neste hotel servem-se todas as qualidades de comidas à Portuguesa, Criollas e Internacionais.

Servem-se os melhores vinhos verdes e maduros, das célebres regiões de Portugal.

Possue luxuosos quartos, sala de leitura e um amplo salão de festas. A filial, só para dormidas, é na rua Salvador de Leon Sucarrás n.º 89

Telegramas-Minho

TELEFONES } 559864
554371

Salvador de Leon a Sucarrás, 46

Caracas

Venezuela

Grande fábrica de Carpintaria e Móveis

DE

JOSÉ DANIEL FARIA & C.A

Curamichate a Rosário—46

TELEFONE 572914

Nesta casa executam-se todos os trabalhos de carpintaria e fabricam-se os melhores e mais modernos móveis.

Visitem as nossas exposições

Preços sem competência

Caracas

Venezuela

BAZAR S. JORGE

Nesta casa V. S. encontrará sempre completo sortimento de miudezas em geral como sejam: Artigos de Armarinho, papelaria, escolares, perfumaria para presente e brinquedos diversos

Desde já agradecemos a sua valiosa preferência

F. C. Rodrigues

Av. dos Democráticos, 16—Praia pequena

Telefone 291044

BRASIL

RIO DE JANEIRO

«Tribuna Livre» tem a honra de apresentar aos seus leitores as actividades de alguns dos seus esforçados filhos residentes na Venezuela e no Brasil.

Ao fazer votos por um Ano Novo feliz, saúda e felicita com prazer esses pioneiros do nome da nossa terra.

Pensão e Restaurante Santa Helena

DE

JOSÉ CARLOS CALDAS

Está situada a mil metros da praia

Nesta pensão servem-se comidas portuguesas e internacionais

Possui os melhores vinhos engarrafados, brancos e tintos, verdes e maduros, azeite e conservas das melhores regiões de Portugal.

Tem luxuosos quartos

Casa Miranda—Litoral El cojo—Tel 4043 Teleg. Tlesférico

Macuto

Venezuela



Grande Bar e Restaurante Santa Maria

DE

José António Vieira e C.a

Servem-se todas as qualidades de bebidas, nacionais e estrangeiras, das melhores procedências do mundo.

Esmerado serviço de restaurante e café

Um dos melhores de Caracas

Esquina de Ferranquim—Tel. 477986—Venezuela

Estacionamento Minho

DE JOSÉ ANTÓNIO VIEIRA

Neste estacionamento reparam-se carros.

Lavagem e engrasse.

Serviço diurno e nocturno.

Preços especiais para os Portugueses

Av. Urdaneta

Telef. 498999

Caracas

Venezuela

HOTEL IMPERIAL

DE

Abel António Vieira de Castro

Neste hotel servem-se as melhores comidas à portuguesa e internacionais. Vende-se todas as qualidades de bebidas nacionais e os melhores vinhos portugueses, conservas, etc..

Possue luxuosos quartos, sala de leitura, salão de baile e lago.

Este hotel está servido de sapataria, barbearia e alfaiataria própria.

Grande Fábrica de Moagem—Dois caminhos

De Abel António Vieira de Castro & C.a

A melhor e mais moderna indústria de moagem de Caracas

CARACAS

VENEZUELA

Manuel Reis Morais & Irmão

Porto

Lisboa

Fornecedores de máquinas e todos os artigos para a Indústria Gráfica

Casa de Saúde de Amares

DIRECTOR

Dr. José Fernandes

Internamento de doentes-operações-partos
Raios X-análises clínicas

Serviço Permanente

AMARES

TELF. 62122

Farmácia Pinheiro Manso

*Cumprimenta os seus estimados clientes,
desejando-lhe boas festas e um
ano muito próspero*

Pinheiro Manso

Amares

Pensão Central "A Petisqueira"

DE

CARLOS AUGUSTO MARTINS

Almôços, Jantares, Petiscos servidos com os melhores
vinhos verdes, tinto e branco da região

Grande esplanada em Recinto próprio, onde se serve as
mais frescas cervejas, laranjadas e águas Minerais

PREÇOS MÓDICOS

Largo Dr. Oliveira Salazar-Telefone p. f. 62113

AMARES

Antiga Casa Álvaro Gomes

DE

Alberto António da Silva

A casa que mais stok possui em artigos finos de mercearia, cereais, Armazenista de Sal, Adubos, para agricultura, Cimento Liz, Cal Hidráulica e em peira, telha e tijolo, sulfato e enxofre, Ferro e arame.

TUDO AOS PREÇOS DE BRAGA

Entrega a mercadoria em casa do cliente sem qualquer
encargo

Boas festas e feliz ano novo são os seus votos

Largo Dr. Oliveira Salazar

Tel. 62126

Amares

A MOBILADORA "ALVES"

DE

Domingos da Silva Alves

*Cumprimenta os seus clientes, desejando boas
festas e feliz ano Novo.*

Casa especializada em todas as mobílias

Esta casa vende mobílias completas e avulso
Colchoaria de toda a espécie, assim como
Carpetes, passadeiras e tapetes de todos os modelos.

Quando necessitarem destes artigos, não comprem sem consultar os preços desta casa porque é a que mais barato vende.

Feira Nova

Amares

A Moderna Mercearia

DE

José Soares da Costa

Completo sortido em todos os géneros de mercearia. Bacalhau e azeite fino. Especialidade em café, manteiga, bolachas, massas, velas de cera e miudezas. Cereais, farinha e farelo, pólvora e rastilho. Vinhos finos e verdes tintos da região. Sulfato e cal. Preços módicos.

*Deseja aos seus estimados amigos e clientes um
próspero ano novo.*

Lago

Amares

CASA MACEDO

DE

José Gil Macedo

TECIDOS-MALHAS-MIUDEZAS

A mais antiga casa do concelho, no género, e a que mais barato vende e que maior sortido apresenta.

Preços sem concorrência
Vendedores exclusivos de samarras confeccionadas

CASA MACEDO

*Deseja aos seus clientes um ano novo muito
próspero e cheio de felicidades.*

L. Dr. Oliveira Salazar

Amares

*Se sabe apreciar vinhos,
Rascantes e bons pingatos,
Em copos bem medidinhos
Vá ao «Retiro dos pacatos.»*

**Retiro dos Pacatos
Mercearia e vinhos**

DE

JOSÉ MANUEL MARTINS

Feira Nova

Amares

(Junto aos Bombeiros)

José Joaquim Leite

Completo sortido em:

Mercearia, artigos de confeitaria, papelaria e vinhos do Porto. Especialidade em chá e café

Ferro, arame e aços, ferragens, ferramentas pregaria e louças de ferro, alumínio e esmaltadas

Agente das pólvoras Bracarena e Grossa Bombardeira

*Deseja aos seus estimados clientes um novo ano
muito feliz.*

FEIRA NOVA

AMARES

Se dorme mal...

mande fazer um colchão novo ou reformar o que já possui, na

Colchoaria Modêlo que se encarrega de todo o serviço de colchoaria

Colchoaria Modêlo

DE

JOSÉ MANUEL MARTINS

Feira Nova

Amares

(Junto aos Bombeiros)

PADARIA DE CALDELAS

(TRIGO E MILHO)

DE

ROCHA & ANTUNES

TELEFONE 65126

TERMAS DE CALDELAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
POR JUNTO E A RETALHO
ARTIGOS PHILIPS

VINHOS, FAZENDAS E MIUDEZAS
DROGARIA E FERRAGENS
Materiais de Construção

DE

António Alves da Mota & C.a, L.da

Correspondente do Banco N. Ultramarino e Borges & Irmão

CENTRAL DO C. F.

TERMAS DE CALDELAS

Telefone p. p. 65120

A neve do Algarve (Lenda)

Continuação da 1.^a página

Dize-me ó doce, ó minha bem amada:
Por que está sempre cheia de tristeza
o teu rosto gentil?
E por que vejo em lágrimas banhada
a tua rosea face de princesa
de suave perfil?
Não gostas deste azul celeste e brando?
Não gostas do poente?
Dos doirados poentes purpurinos
que recamam os longes azulinos
dum velo de ouro ardente?
(E a bem amada sempre suspirando...)
Não amas as planícies desta terra
fecunda, próspera e quente?
E as ondas alvas de neve
dêste mar que em si tanta beleza encerra
que até as rochas veste, alegremente,
de grinaldas de espuma branca e leve...

—E a bem amada ia fitando, docemente,
tristemente, o senhor, sem responder.
Dize-me—ó meu amor!—qual é a ânsia,
o cuidar que te roe o coração,
que eu, em vão, tento lêr
no teu rosto alheado na distância?
—E então...

A bem amada, suspirando, respondeu:
«Eu amo, ó meu senhor, o Algarve, a terra linda,
fecunda próspera e quente. E admiro este céu,
estes montes e poentes...
Amo, também, o mar, esta distância infinda
que engrinalda de espuma branca e linda
como se fossem flor's alvinientes... —
estes rochedos negros... Mas a neve?
Falta-me a neve, cândida e bela
que lá, no meu país, quando o inverno vem
envolve tudo no seu manto leve,
—ó meu amado bem!... —
Ela lembra o véu branco da donzela
que vai noivar.»

«Falta-me a branca Feiticeira amada,
que veste os montes dum virgíneo manto
e põe-se selvas e plainos a alvejar,
num doce e claro encanto.
E põe a ramaria, recamada
de cândidas bordadas, a brilhar!...

Quedou-se, pensativo, enquanto ela falava,
Yussuf, rei do Algarve... —e logo, com fervor,
contente ele exclamou:—
«Pois bem!—ó meu amor—
Quando outro ano chegar
—para alegria dos teus olhos lindos
no meu Algarve quente, a neve há-de brilhar!»

E ao longe, e em torno, em matagais infindas,
por todo o Algarve, então, ele ordenou
que se plantasse um grande amendoal.
E mal o inverno chegou
—como um milagre lindo e sem igual!—
ao sópro criador das arágens marinhas,
no espaço de uma noite, as mensageiras
da primavera, as virgíneas amendoeiras,
cobriam-se de alvíssimas florinhas...

E quando a bem amada,
logo de madrugada,
à janela do quarto, se chegou
—a exultar-lhe no peito, o coração!—
alegre, ela exclamou:
«Oh! minha doce neve, alviniente,
ó branca floração,
translúcida de alvôres...
Como vens, a sorrir, linda e tremente...
nestas suaves petalas de flores!...

Milagroso e gentil poder, o do Amor!
Dessa hora em diante, a suave flor alada,
trémula e leve, em seu virgíneo alvor,
a neve do Algarve foi chamada...

Guido Battelli

(Trad. de Clotilde Mateus)

No tempo e na «Tribuna» Ano Novo

Continuação da primeira página
ressa que digamos duas pa-
lavras.

O primeiro problema que os fundadores do jornal tiveram de encarar, como é óbvio, foi o da sobrevivência do periódico. Como em tudo, acharam estes que se devia começar pelo princípio. Tal ordem de ideias determinou que, antes dos grandes planos, se tratasse de conseguir um jornal que não acabasse ao fim de uns meses ou uns anos de vida.

A «Tribuna Livre», sem deixar de reivindicar o carácter que desde início buscou de órgão generalizado, localizou-se um pouco na terra da sua naturalidade. Fê-lo, como se diz, por uma evidente necessidade de sobrevivência: antes viver pequeno do que não viver.

O jornal, no entanto, fiel à ideia que presidiu à sua fundação, começou logo a «realizar-se». Quer dizer: começou a tornar-se como fóra ansiado e previsto.

Assim é que, ao findar do

primeiro ano de vida, conseguiu suplantar a própria primeira fase. Na verdade, enquanto que, para o primeiro ano, apenas se planeava lançar o jornal, deixando para anos futuros o ampliá-lo a novos concelhos do Distrito, a verdade é que somos, já hoje, uma realidade em dois desses concelhos: Amares e Vila V.

Está tudo preparado para que dentro de poucas semanas, sejamos o órgão de imprensa mais lido e o porta-voz de mais outras duas importantes terras. Se dermos estes factos como realizados no primeiro ano de vida, todos reconhecerão que a «Tribuna Livre» caminha a passos de gigante na senda que os fundadores lhe auguraram: ser o porta-voz da vida local de cada uma das terras, defendendo interesses locais, ventilando os problemas que a grande imprensa despreza e são tantas vezes, dentro de cada terra, os grandes problemas.

Album de coisas várias

Com o presente número celebra «Tribuna Livre» o seu primeiro aniversário. Terminou, assim, um ano de trabalho e logo outro se inicia. Certamente que a etapa que também hoje começa para o Jornal terá, como principal factor a garantir-lhe o cumprimento do seu dever, a experiência adquirida no ano que fica para trás.

Evidentemente que não me cabe a mim dizer se o semanário, no decorrer do ano que celebra, cumpriu com a nobre missão a que se dignou tomar na imprensa regionalista. Nem me compete a mim nem, tão-pouco, a qualquer dos responsáveis pela sua existência e orientação. Só o leitor o poderá dizer. Sim, o leitor. O leitor anónimo e humilde, para quem os jornais se publicam.

O jornal—qualquer que ele seja—publica-se para o povo. Quanto mais um jornal falar a língua do povo, servir o povo, tanto mais esse jornal define a sua verdadeira posição de voz e alma e espírito do povo.

O que é um jornal? Um jornal é o povo. Não se pode perder de vista esta verdade porque ela encerra, em si, a genuína missão de todos aqueles que se devotam ao nobre apostolado que é o jornalismo, seja ele pago ou gracioso.

E como se faz um jornal? Na estrutura dum jornal nada tem um papel principal. Todos os elementos intervenientes têm o seu valor, a sua essência única sem a qual no pequeno ou grande jornal nada teria significado. São precisos jornalistas? Sim, senhor. É preciso gente que escreva. Mas que valia haver jornalistas se não houvesse máquinas impressoras, se não houvesse papel, se não houvessem tipógrafos? E que valeria isto tudo

se não houvessem leitores?

Um jornal, verdadeiramente, não se faz: nasce! Nasce todos os dias, e morre todos os dias. Mas a vida é, entre o nascer e o morrer diário dum jornal, uma epopeia latente, viva, rubra cintilante, galvanizante. O jornal é uma pequena centelha que rebenta dum chama que consome muitas vidas em benefício da vida gigante dum jornal que nasce e morre todos os dias. Do jornal que se compra e lê e se guarda ou lança fora.

Nunca será demais falar da importância de qualquer órgão da Imprensa. Importância total. Eu não sei se os leitores de «Tribuna Livre» já constataram da sua importância. Gostaria de saber a opinião dos nossos leitores sobre o o jornal. E se se ineciasse a nova etapa com um inquérito aos leitores de *Tribuna Livre*? Não encontrariam os seus orientadores e responsáveis, na base desta ideia, o elemento mais capaz para enfim, proporcionarem ao jornal a sua mais certa e possivelmente mais completa corporização? O jornal é para o povo e só este, na sinceridade da sua expressão, pode dizer se o jornal o está servindo condignamente.

Não acham que seria interessante o tal inquérito? Todos afinal de contas, ganhávamos.

Não fazemos promessas de nada. No que nos diz respeito faremos o possível, no ano de trabalho que hoje começa, por nos confundirmos mais e mais com o povo. Humildemente, sériamente, sem desvio dos princípios morais e sociais que se nos impõem.

Continuaremos, pois, a trabalhar.

Joaquim Monteiro (Jorge)

Nós não pretendemos dar menos apreço à imprensa privativa de cada concelho. Muitos menos queremos substituir esses baluartes da vida local das populações. Eles são necessários, uteis, insubstituíveis.

Achamos, porém, que todos lucrámos em haver um órgão no Distrito que, com o prestígio inerente à sua condição de jornal generalizado, tenha por objectivo tratar os problemas da nossa vida local e seja como que um prolongamento ou uma ressonância mais longínqua, da voz dos pequenos semanários do Distrito, tantas vezes a «vox clamans in deserto».

Mesmo depois de generalizado às outras terras, muitas vezes os números do jornal sairão menos interessantes, menos completos.

Que todos fixem, porém, esta ideia-mestra: o que mais interessa é que haja um órgão que, na hora própria, sem respeito humanos, sem tergiversações, sem medo das responsabilidades, saia a público, defendendo a Justiça e o interesse dos povos. E os que conhecem a gente da «Tribuna Livre», sabem que a atitude do jornal será intransigentemente firme, definida, clara e vertical.

E muitas oportunidades vão surgir... Se quiséssemos dar um só exemplo de uma dessas oportunidades, bastaria lembrar que se avizinha uma campanha eleitoral e que já é tempo de, neste distrito, aparecer alguém, dos que *pertencem ao grémio*, a exigir uma actualização de quadros e actividades políticas e a impôr que se ponham de parte velhos «narizes de cera» que tantas vezes ocupam o lugar das coisas sérias.

Hoje não nos alongaremos mais.

Brevemente vamos publicar um outro número especial a festejar a adesão de mais dois concelhos. E não se dirá que não é caso de festa: são mais duas «Tribunas» dentro da «Tribuna». Somos nós a crescer.

Nós, é claro, não os do jornal que não são ninguém. Somos nós. Nós, os que trabalhamos por este Distrito além.

Nós os que não vivemos à custa da comunidade, nem nos penduramos em qualquer almeja «pósta».

Nós os que só queremos a realização dos interesses gerais e da justiça social.

Nós os que sofremos e que no sofrimento havemos de calçar a vitória.

Havemos de encontrar dificuldades. Uma delas será o facto de *sermos de dentro, de sermos do grémio*.

Muitos não-de desejar que antes fomos *comunistas*.

É que facilmente nos destruiriam...

Assim, sabem que têm de contar conosco e mais redobrarão de esforços para nos desvirtuarem, para nos calarem, para nos abaterem.

Mas nós passaremos adiante porque vamos por bem.